



ID: 74816241

04-05-2018 | Vida Económica - APROSE Seguros

Seguro Automóvel

O seguro automóvel é obrigatório por lei e a inexistência do mesmo implicará o pagamento de pesadas coimas, no caso de deteção pelas autoridades rodoviárias, às quais compete a função de verificar se os veículos e condutores preenchem os requisitos legalmente exigidos para a circulação em via pública. O seguro obrigatório de responsabilidade civil garante indemnizações, por danos materiais e pessoais, causados a terceiros e pessoas transportadas, exceto o condutor (para que este seja abrangido é necessária a extensão das coberturas da apólice). Em junho de 2012, a terceira atualização da 5ª Diretiva do Seguro Automóvel (Decreto-Lei 291/2007) colocou o capital mínimo do seguro de responsabilidade civil obrigatório nos cinco milhões de euros, para danos corporais, e um milhão de euros para danos materiais, elevando assim as quantias de proteção que já haviam sido alteradas em outubro de 2007 e dezembro de 2009.

SEGURADORAS ATENTAS À EVOLUÇÃO DOS VEÍCULOS AUTÓNOMOS

Seguro automóvel não vai prazo os mesmos riscos que

ELISABETE SOARES

elisabetesoares@vidaeconomica.pt

Os veículos autónomos, ou carros sem condutor, apresentam desafios e oportunidades interessantes a curto e a médio prazo, para o qual o mercado segurador tem de estar preparado. Embora a evolução para esta situação ainda seja, para muitos, apenas uma miragem, a verdade é que o mercado segurador começa a aperceber-se da necessidade de se preparar para as alterações que é necessário fazer.

No caso dos veículos autónomos, ainda há um caminho significativo a percorrer do ponto de vista legal e regulamentar de forma a ser possível a sua circulação de forma livre e generalizada, considera Joaquim Aguiar, Property & Casualty Product Manager da Generali.

Na sua opinião, “a definição do que é um veículo e do papel do condutor ou



No caso dos veículos autónomos, ainda há um caminho significativo a percorrer do ponto de vista legal e regulamentar de forma a ser possível a sua circulação de forma livre e generalizada

proprietário precisa de ser bem definida para que seja possível o apuramento de responsabilidades em caso de sinistro. Para a indústria seguradora, é fundamental que exista um enquadramento legal muito bem definido e homogéneo entre países, por forma a desenvolver soluções adequadas”. Por exemplo, é expectável que fabricantes automóveis, companhias de software e proprietários possam ter diferentes responsabilidades, tendo necessariamente de se proteger contra os riscos a que estão expostas.

Joaquim Aguiar destaca que o grupo Generali tem vindo a trabalhar nesta temática, procurando contribuir para a discussão e definição do melhor enquadramento possível para os veículos autónomos. Garante que o grupo está preparado para responder a esta nova realidade, logo que estejam criadas as condições necessárias para o efeito.

“A MDS, na sua qualidade de consultor em risco e seguros, acompanha de muito perto todos os desenvolvimentos que possam ter impacto no setor. No que respeita aos veículos autónomos, neste momento, existe uma grande discussão a nível jurídico sobre as responsabilidades em causa, pois os respetivos sujeitos podem ser vários

e a sua intervenção distinta consoante os diferentes níveis de automatismo”, destaca a sua administradora, Paula Rios.

Hoje a responsabilidade civil automóvel recai em geral sobre o condutor. Contudo, “nos veículos autónomos, desde logo terá de se considerar a responsabilidade civil de quem o fabrica (produtor), a responsabilidade profissional do programador, mas, consoante o grau de autonomia, também a do condutor/passageiro que possa ter alguma intervenção”. Paula Rios acrescenta “outra grande questão que se coloca é a de saber se deverá manter-se um seguro de responsabilidade (com todas as dificuldades daí inerentes, nomeadamente existindo vários possíveis responsáveis) ou se deverá evoluir para um seguro ‘first party’ em que os lesados sejam indemnizados automaticamente em caso de dano, sem recurso aos mecanismos da responsabilidade, como aliás já existe em alguns países”.

Na opinião da administradora da MDS, o sentimento geral na comunidade jurídica é o de que estas novas realidades estão completamente fora do ‘esquema mental’ da legislação atualmente em vigor, e que terão de ser encontradas soluções legais devidamente adaptadas. No entanto, esta questão não é simples. Basta pensar



cobrir a curto cobria no passado



no 'dilema moral' e outras situações que se levantaram com os veículos autónomos da Tesla e da Uber, que recentemente levaram à morte de duas pessoas. Assim, "a curto prazo não se preveem alterações legais relevantes", destaca.

"O setor segurador irá continuar a acompanhar de muito perto esta evolução, e na MDS continuaremos a participar nos debates correspondentes (por exemplo, ao nível da AIDA, Associação Internacional de Direito de Seguros, da qual somos membro) e a partilhar essa informação com os nossos clientes e stakeholders, nomeadamente através da nossa revista FULLCOVER onde temos vindo a antecipar tendências", acrescenta Paula Rios.

Desafios são alvo de atenção

Luís Anula, administrador-delegado da seguradora MAPFRE, considera que "esses desafios estão de facto na ordem do dia e são alvo da nossa atenção. Estas novas realidades implicam diferentes necessidades de proteção de pessoas e bens porque os riscos a que estamos expostos estão a mudar".

Na sua opinião, "um seguro automóvel não vai cobrir a curto prazo os mesmos riscos que cobria no passado. Existem novas automatizações, tecnologias de deteção e proteção que a indústria automóvel está a desenvolver e que alteram o comportamento dos veículos em circulação. Temos a realidade dos veículos autónomos que vai constituir uma verdadeira mudança de paradigma". Luís Anula acrescenta que "estas alterações são cada vez mais rápidas e desafiantes e, por isso, a MAPFRE tem grupos de trabalho que estão a monitorizar, a estu-

dar e a trabalhar já nas respostas que vamos apresentar ao mercado para continuarmos a ser uma companhia competitiva e líder em inovação e técnica seguradora em todas as linhas de negócio e, desde logo, no ramo automóvel".

Paula Mendonça, diretora de Produtos Pessoais da Allianz Portugal, destaca que a forma como está a preparar-se para responder a estes novos desafios é evoluindo sempre tecnicamente no que respeita ao cálculo do prémio. "As características do condutor são fatores muito importantes, mas não são os únicos. Existem muitos outros fatores que na ausência de condutor vão passar a ser mais determinantes. Ter ferramentas tecnicamente evoluídas e pessoas com as capacidades técnicas para assegurar uma correta avaliação do risco é um fator chave", destaca a responsável da Allianz. Acrescenta que a "excelência técnica tem sido nos últimos anos um dos principais investimentos na Allianz Portugal. Temos evoluído na formação das pessoas e nas ferramentas de cálculo que temos à nossa disposição. Temos a vantagem de pertencer ao grupo Allianz que nos proporciona a partilha das evoluções técnicas entre países permitindo o acompanhamento permanente das melhores práticas".

Sérgio Carvalho, diretor de Marketing da Fidelidade, destaca que "nesse sentido o seguro automóvel como o conhecemos tende a desaparecer, transformando-se num seguro da mobilidade, com a Fidelidade a posicionar-se como um prestador de serviços (não apenas como um segurador) na área da mobilidade mas, também, na prevenção e segurança dos clientes nessa jornada".

EM COMPARAÇÃO COM O ANO ANTERIOR

Prémios emitidos no mercado e para o ramo automóvel crescem 7% em 2017

Em 2017 a tendência de redução de prémios no ramo automóvel abrandou quando comparado com os anos anteriores. Em 2017 os prémios emitidos no mercado e para o ramo automóvel cresceram aproximadamente 7% quando comparados com o ano de 2016. Assim, destaca Joaquim Aguiar, da Generali, embora se tenha verificado um aumento do custo médio e da frequência de sinistros, o rácio de sinistralidade diminuiu face a 2016.

Luís Anula, da MAPFRE, é de opinião que o ramo automóvel nos últimos anos tem visto a sua rentabilidade afetada pela

Mas isso tem um limite! "Com o aumento da circulação rodoviária, fruto da recuperação económica, assistimos a uma subida da frequência e rapidamente constatamos que ou ajustamos os preços ou não recuperamos a rentabilidade do ramo que vale quase 50% do mercado. O mercado tem estado a fazer este caminho e já se nota, ainda que de forma ténue, a melhoria de alguns indicadores. Para a MAPFRE a questão da rentabilidade é uma prioridade", adverte Luís Anula.

Paula Mendonça, da Allianz Portugal, considera que o último ano foi de facto um

O ramo automóvel nos últimos anos tem visto a sua rentabilidade afetada pela realidade de um mercado maduro e muito competitivo como é o português

realidade de um mercado maduro e muito competitivo como é o português. "É muito relevante a constatação de que durante mais de uma década assistimos a uma queda no prémio (preço) médio do seguro automóvel, quer nas modalidades de Responsabilidade Civil quer nas modalidades com Danos Próprios". Acrescenta que "isto aconteceu por muitos motivos que não é

ano atípico no que respeita à sinistralidade auto e esta tendência contínua em 2018. "Os primeiros três meses e meio do ano tiveram mais dois mil acidentes (+5,7%) e mais 19 mortos (+17%) que em igual período de 2017 segundo os últimos dados da Autoridade Nacional de Segurança Rodoviária (ANSR). E este fenómeno não é único em Portugal", destaca.



possível detalhar aqui, mas, sobretudo, por um pricing agressivo e contínuo praticado pela generalidade das companhias e que determinou uma grande rotação de clientes sempre em busca do preço mais baixo. Ao longo dos anos a generalidade das companhias tem trabalhado muito na racionalização de gastos e na eficiência das suas operações, e foram acomodando essas diminuições de prémios".

Acrescenta que "um agravamento tão forte na sinistralidade tem um impacto direto na rentabilidade caso os prémios não se ajustem com a devida rapidez".

Sérgio Carvalho, da Fidelidade, destaca que, "no nosso caso, temos vindo, em momentos oportunos, a efetuar os ajustes tarifários que consideramos adequados a uma sã gestão da nossa carteira de riscos".

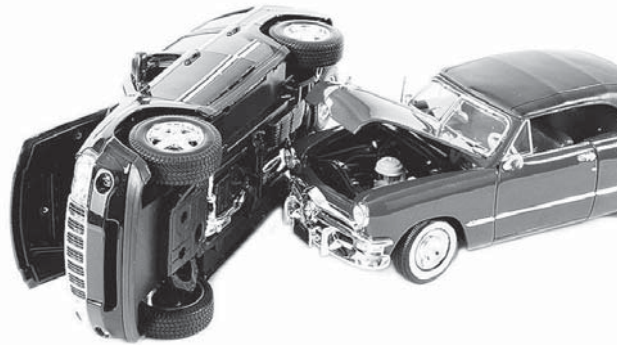


De que forma as seguradoras procuram ser competitivas no seguro automóvel?

“A recuperação económica vai ajudar. Mas, sobretudo, contamos com a solvência da nossa marca (top na Europa), que temos que dar a conhecer cada vez mais, a qualidade da nossa oferta e do nosso serviço, e o profissionalismo da nossa rede”, destaca Luís Anula, da MAPFRE.

ou inteligência artificial, de forma a disponibilizar o melhor serviço ao cliente, mas também a criar novos seguros que permitam uma melhor resposta às suas necessidades, cada vez mais a nível individual”.

Adicionalmente, acrescenta, “continuamos a apostar na nova estratégia mul-



“É muito relevante a constatação de que durante mais de uma década assistimos a uma queda no prémio (preço) médio do seguro automóvel, quer nas modalidades de Responsabilidade Civil quer nas modalidades com Danos Próprios”

Acrescenta que, “o seguro automóvel tem, por isso, para a MAPFRE, uma boa perspectiva de crescimento: apresentamos uma oferta com um preço muito competitivo, com produtos de alta qualidade e com o melhor serviço para os nossos clientes”. Na sua opinião, o cliente hoje percebe que só o fator preço já não chega... Depois de um sinistro, e se as garantias não são as corretas e o serviço não for o melhor, surgem os problemas. Por isso, “na MAPFRE, trabalhamos diariamente com este objetivo. Estamos também a trabalhar com muito empenho na melhoria do nosso processo de pricing para conseguirmos ser ainda mais competitivos mas com uma exploração rentável”. E, por fim, destaca, “estamos a apostar em parcerias para a distribuição no setor financeiro e automóvel e a construir e a consolidar uma rede própria de lojas”. O cliente torna-se cada dia mais exigente. Por isso, refere, “a MAPFRE aposta nestas lojas, nestes profissionais e na sua formação. Esta rede está perfeitamente compatibilizada com a nossa aposta no digital, o que significa um aproveitamento de todo o potencial das novas ferramentas e da tecnologia para oferecer as melhores soluções aos nossos clientes”.

Joaquim Aguiar refere que a Generali destaca-se por ser uma empresa das empresas mais inovadoras do Mundo, sendo a única companhia de seguros incluída entre as 50 empresas mais inteligentes do mundo pelo MIT Technology Review 2015. Nesta linha, “o grupo tem vindo a investir no desenvolvimento de vários projetos em áreas como a telemática, internet of things

canal de distribuição e apoio aos clientes, que lhes permite beneficiar da melhor assistência ao longo da sua apólice”. Assim, os clientes da Generali têm ao seu dispor uma extensa rede de mediadores e agentes em todo o país, bem como as plataformas digitais e o call center da companhia, que em conjunto prestam um serviço distintivo. Fruto desta aposta, a Generali vem conquistando múltiplas distinções de melhor serviço ao cliente no setor segurador, com elevadas taxas de satisfação dos clientes”.

Paula Mendonça, da Allianz, considera que “a capacidade técnica é mais uma vez determinante para a competitividade do ramo. Conseguir de uma forma rápida encontrar os segmentos mais rentáveis e ajustar os prémios terá seguramente uma vantagem competitiva”.

Sérgio Carvalho, da Fidelidade, considera: “de uma forma muito pragmática, criando produtos e coberturas únicos e diferenciadores, como o nosso produto ‘AutoEstima’ (que permitiu massificar o acesso a um seguro de danos próprios), o recurso à telemática (como forma de recompensar comportamentos de condução responsáveis), ou, só para dar outro exemplo, o esforço que vimos fazendo na contratação da Cobertura de Proteção Vital do Condutor (uma cobertura que cobre os danos pessoais do condutor até um capital de 500.000,00, dando proteção a um grupo de pessoas (os condutores), que, sendo o maior grupo de vítimas, não tem na lei o nível de proteção que, a nosso ver, justifica que lhe seja dado, a bem de uma sociedade mais justa”.

Suplemento SEGUROS

Este suplemento faz parte integrante da Vida Económica nº 1735, de 4 de maio 2018, e não pode ser vendido separadamente

VidaEconómica
APROSE

SEGURADORAS ATENTAS À EVOLUÇÃO DOS VEÍCULOS AUTÓNOMOS

Seguro automóvel não vai cobrir a curto prazo os mesmos riscos que cobria no passado

- PRÉMIOS EMITIDOS NO MERCADO E PARA O RAMO AUTOMÓVEL CRESCEM 7% EM 2017
- DE QUE FORMA AS SEGURADORAS PROCURAM SER COMPETITIVAS NO SEGURO AUTOMÓVEL?

Págs. 2 a 4



Destaque Automóvel

Pág. 4

Mais dois mil acidentes nos primeiros meses de 2018

Opinião MDS

Pág. 5

10 anos de "Proposta Razoável"

Associado do mês

Pág. 7

Miguel Silva, sócio-gerente da Medisil

"Os clientes regressam ao contacto pessoal, ao serviço personalizado, ao one-to-one"

Consultório Jurídico

Pág. 8

Transposição atempada ou tardia da Diretiva da Distribuição de Seguros (DDS)

Notícia

Pág. 8

Incêndios afetaram rentabilidade do setor segurador